

**UMA LEITURA BIOÉTICA SOBRE O LUTO ANTECIPATÓRIO NA MORTE DE
MANACÁ DE CHEIRO**

Antonio Socorro Evangelista¹

Resumo

No evento da vida, permanecem contínuas reflexões sobre a morte e o processo de morrer, pois elas envolvem medos, perspectivas, racionalidades técnicas, aspectos culturais e espirituais que fazem parte deste evento. Foi entre as idas e vindas do evento da vida que conheci Manacá de Cheiro, uma matriarca amável e serena que havia desenvolvido um câncer aos 70 anos de idade; naquele momento, aos 72 anos de vida, ela fazia parte dos pacientes em atendimento paliativo de um hospital público no interior de São Paulo. A leitura bioética da história de Manacá de Cheiro, que foi transformada em conto, nos possibilita compreender a sua dor, o seu sofrimento e os conflitos humanos que surgem e são desencadeados no processo de finitude; ela também facilitou a mediação social que envolvia os aspectos cultural e familiar relacionados e inseridos no conflito. A forma com que Manacá de Cheiro reagiu desde que soube de sua doença e principalmente nos momentos que antecederam a sua morte evidencia o Luto Antecipatório, que em sua história apresenta desconforto e dicotomia entre seus familiares e a equipe de saúde que o assistia. Esta situação, além de lhe causar sofrimento, possivelmente o provocava e estimulava a lutar por continuar vivo até que aquela questão/conflito que o incomodava se resolvesse. Ao saber que seu pedido havia sido atendido por sua filha, Manacá de Cheiro pôde partir.

Palavras-chave: Processo de morrer. Bioética. Conflitos. Dor. Luto Antecipatório.

Abstract

In the event of life, remain continuous reflections on death and dying process, since they involve fears, perspectives, technical rationales, cultural and spiritual aspects that are part of this event. It was between the comings and goings of the event of life that I met Manacá de Cheiro, a kind and serene matriarch who had developed cancer at the age of seventy, at that moment, at 72 years of age she was part of the palliative care patients of a Public hospital in the interior of São Paulo. The bioethical reading of the story of Manacá de Cheiro, which has been transformed into a short story, allows us to understand its pain, its suffering and the human conflicts that arise when they are unleashed in the process of finitude; it also facilitated social mediation that involved the cultural and family related aspects and inserted into the conflict. The way Manacá de Cheiro reacted as soon as he learned of his illness and especially in the moments before his death shows the anticipatory mourning, which in his history presents discomfort and dichotomy between his relatives and the health team that attended him. This situation, in addition to causing him suffering, possibly provoked and stimulated him to fight by remaining alive until that issue / conflict that bothered him resolved. Upon learning that his request had been taken care of by his daughter, Manacá de Cheiro left.

Keywords: Attitude towards death. Bioethics. Right to die. Ache. Anticipatory grief.

¹ Antonio S. Evangelista é graduado em Psicologia pela Universidade São Francisco, pós-graduado em Fé e Política pela Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestre em Bioética pela Universidade São Camilo/SP.

Introdução

Entre idas e vindas, encontros e despedidas, permanecem contínuas reflexões sobre a morte e o processo de morrer; elas envolvem medos, perspectivas, racionalidades técnicas, aspectos culturais e espirituais. Por essa razão, o luto ou a antecipação dele, além de causar desconforto, provoca inquietações e questionamentos à espécie humana (ANJOS, 2007).

A inspiração para este trabalho, que objetiva evidenciar as interferências e resistências humanas em relação aos conflitos individuais e sociais apresentados no Luto Antecipatório, faz parte de minhas inquietações, que surgiram e estão relacionadas ao sofrimento e conflitos observados no processo de morrer, após o anúncio da morte.

A morte imediatamente nos convoca para refletir sobre as coisas essenciais, que inclui questionamentos sobre os significados de nossa vida. Portanto, aceitá-la como parte do ciclo vital pode, além de favorecer a compreensão do luto, inibir expectativas e, assim, diminuir os conflitos existenciais da finitude (FRANKE, 2016).

Para Kovács (1992), a consciência da própria morte é uma importante conquista constitutiva do homem; em sua proposta, o homem é determinado pela consciência objetiva de sua mortalidade e por uma subjetividade que busca a imortalidade, desta forma, diante da consciência de mortalidade inerente à espécie humana, torna-se possível compreender nela o Luto Antecipatório.

Na compreensão de Rando (1986, 2000 apud FONSECA, 2004), o Luto Antecipatório é um conjunto de processos deflagrados pelo paciente e pela família a partir da progressiva ameaça de perda, e quando compreendido por seu caráter psicossocial, diferencia-se do luto pós-morte; o Luto Antecipatório sofre influência dos fatores psicológicos, sociais e físicos, e sua análise deve incluir a perspectiva de cada pessoa que o experimenta. Por esta razão, inclui em sua compreensão as perspectivas do paciente, das pessoas íntimas a ele e de outras pessoas envolvidas no processo.

Em 1944 em um artigo escrito por Lindermann, denominado “The Symptomatology and Management of Acute Grief”, foi utilizado pela primeira vez o termo “Luto Antecipatório”; naquela ocasião, Lindermann observou que as esposas dos soldados que iam para a guerra, diante da separação física de seus maridos e com a perspectiva de eles morrerem em batalha, experienciavam as reações do luto (FONSECA, 2004).

Lindermann, com a constatação deste fenômeno, percebeu que a ameaça da morte ou separação pode, por si própria, iniciar uma situação de enlutamento, portanto, dependendo dos valores e crenças da família, a condição de perda anunciada pela enfermidade desencadeia uma série de atitudes que podem convergir para o Luto Antecipatório.

Portanto, desde meados do século passado, o “Luto Antecipatório” passou a ser observado e analisado. Naquele primeiro momento ele estava relacionado à separação física que envolvia as esposas dos soldados que iam para os campos de batalha; ao considerarem a iminência da morte, elas antecipavam o desligamento afetivo (FONSECA, 2004).

Entre as décadas de 1970 e 1980, a vivência antecipada do luto, o desligamento ou “alinhamento” afetivo, também passou a ser observada em pessoas que enfrentavam doenças terminais, pois a morte, anunciada pela enfermidade, pode indicar a antecipação do luto; esta condição, vivência e possíveis intervenções podem prevenir o desenvolvimento de problemas ou minimizar o sofrimento no luto pós-morte (RANDO, 2000).

Considerando, entre as informações sobre o Luto Antecipatório, sua função adaptativa e diante da constatação de que todos morrem, mas que nem todos que passam ou estão na dimensão da história vivem, apresento, não para interferir na universalidade da morte que sobrepõe à vida, mas para mediar esse descompasso social da vida, do viver e da morte, a bioética.

Ela não se reduz à condição biológica da morte, mas abrange a dignidade inerente à vida, onde ela, no desenvolvimento da morte, se mantém com o firme propósito de assegurar a vida com dignidade, no tempo e na história de cada pessoa; sem a preocupação com o tempo de cada vida, mas com a vida em cada tempo, entre os que chegam e entre os que vão, com curtas ou longas histórias, está, pode estar ou deveria estar a bioética.

O século XX foi marcado por grandes avanços, um deles, o tecnológico. Contudo, a humanidade experimentou nele uma grande crise ética que cominou a coisificação da pessoa humana. Em meio a esta crise e se posicionado de forma contrária à coisificação do indivíduo, surgiu nos Estados Unidos a bioética.

Mesmo diante dos avanços tecnológicos aplicados ou propostos sob manipulação técnica, com fundamentações bioéticas sobre a ética da vida ou de uma vida ética, a bioética permanece viva (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2007).

Os avanços tecnológicos provocaram e sempre provocam iniciativas, muitas delas mercantilistas, nas quais a manipulação da pessoa humana, no contexto individual e social, permanece enviesada pela técnica para garantir os pressupostos do mercado; por esta razão, os eventos da vida e do desenvolvimento humano, que incluem as formas de nascer, existir e morrer, passaram a ser questionados pela bioética.

Com a proposta de assegurar a dignidade humana, referenciada pelos princípios bioéticos da autonomia, não-maleficência, beneficência, justiça e equidade, a bioética propôs

aplicar a ética do cuidado aos pacientes em atendimento paliativo; com a mesma intensidade ela sugeriu sua aplicabilidade às políticas públicas de saúde.

Foi com esta proposta que Manacá de Cheiro, no momento em que a sua história caminhava em direção ou em consonância com a morte, foi acompanhada. Nela, foram observados os aspectos da dor, do sofrimento e dos conflitos, que requerem atenção às circunstâncias culturais, espirituais e sociais.

Estas circunstâncias, que envolvem a morte e o processo de morrer, no qual os conflitos existenciais normalmente são desenvolvidos, requerem compreensão social, fisiológica e não fisiológica da morte, mesmo porque, sendo ela parte do desenvolvimento humano, seu acontecimento não está para o enfrentamento ou frustração da medicina, família e demais cuidadores, contudo, considerando que a espécie humana, mesmo compreendendo-a de forma objetiva, mantém desejos subjetivos de eternidade, a morte continua sendo enfrentada.

No conto “O dia em que Manacá de Cheiro morreu”, apresentado a seguir, é possível, à luz da bioética, compreender e evidenciar entre as perspectivas, os conflitos e descompassos da vida moderna que ocorreram em sua finitude, o Luto Antecipatório.

A história, transformada em conto, oferece a possibilidade de um distanciamento da dimensão humana e, assim, melhor analisar os “encontros” e “desencontros” nos “encontros” humanos com a morte; nestas condições e fragilidades a vida acontece, daí a importância da bioética na mediação deste acontecimento.

Escrito em 2015, a partir da vida, da doença e da morte de Manacá de Cheiro, o conto “O dia em que Manacá de Cheiro morreu” oferece ao leitor a possibilidade de, mesmo estando nela, se distanciar da condição humana e assim melhor compreender a dinâmica da vida e da morte; o conto é de autoria deste autor, parte de sua dissertação de mestrado, com o título “A Aceitação da Morte à Luz da Bioética”, apresentada à Universidade São Camilo em 2016.

Em seu desenvolvimento, o conto apresenta pedidos, reações e conflitos que envolveram a vida de Manacá de Cheiro nos momentos que antecederam sua morte, quando ele estava sob Cuidados Paliativos, portanto, traz elementos da vida e da morte de Manacá de Cheiro, que ocorreu em 2012.

O dia em que Manacá de Cheiro morreu

Já com flores arroxeadas, mas firmemente em pé, Manacá de Cheiro estava sempre sorrindo e lutava para se curar de uma terrível doença que possivelmente adquiriu dos

inúmeros inseticidas que, sem controle, foram jogados em seus galhos quando ele ainda era jovem.

Nas noites em que a Lua dorme, as cigarras cantam até morrer, já os pequenos vaga-lumes que protegem a dama da noite, preocupados com as sinfonias das cigarras, trazem a luz para que ela não atrase em seu sair.

Manacá de Cheiro também aproveitava as luzes dos vaga-lumes para contar longas histórias e, enquanto contava suas histórias, aguardava pelo perfume que a dama da noite oferece apenas nas madrugadas. Foi em uma noite sinfônica das cigarras que ele contou sobre o medo e a dor que os humanos causavam aos Manacás, quando no inverno apareciam com enormes facões e sem piedade cortavam-lhes folhas e galhos. Os manacás jovens e as demais flores de Esperança Verde ficavam em pânico quando viam os humanos.

Manacá de Cheiro e as outras flores de Esperança Verde temiam a chegada do inverno, por isso, nas noites em que a lua dorme, ele aproveitava para orientar as flores que moravam em Esperança Verde, sobre os cuidados em relação aos humanos. Dizia a elas, que humanos pareciam viver em outro planeta e sempre chegavam em barulhentas carruagens, com folhas estranhas cobrindo o corpo, traziam facões tão afiados que doíam mais do que a morte, nas noites de lua cheia.

Mas, depois das noites em que a Lua dorme e talvez por acordar cansada, ela só retorna nas madrugadas; destemido, Manacá de Cheiro sempre esperava a lua chegar, e em uma dessas madrugadas em que ele, ansioso, esperava a Lua, falou de suas filhas, Azaleia, Camélia e Amor Perfeito, e também se lembrou de vários outros de sua descendência.

Mas foi em uma tarde, daquelas em que sol ajuda a chuva a cair, que Manacá de Cheiro falou de sua terceira geração; nela, desabrochava a belíssima Paineira, primogênita de Lírio que foi o primogênito de Amor Perfeito, primogênita de Manacá de Cheiro.

A pequena Paineira, com poucos e curtos galhos, esbanjava saúde em seu terceiro ano de vida. Ela ainda demoraria muito para florir, mas Manacá de Cheiro já imaginava as flores das redondezas colhendo suas cápsulas, ou aguardando elas explodirem para juntar sua paina e confeccionar luxuosos travesseiros. Sem contar com os cochilos demorados das hortênsias idosas à sua sombra, claro que elas jamais se encostariam ao tronco da belíssima Paineira.

Nos primeiros dias da primavera, quando a família de Manacá de Cheiro aguardava, ansiosamente, a chegada do verão para celebrar o primeiro ano da Paineira, a saúde de Manacá de Cheiro se agravou. Nesta ocasião, ele foi informado de que teria que fazer tratamento com amarrados de sapé; as flores de Esperança Verde sabiam que amarrados de sapé só eram indicados em casos graves, por isso, choraram aos pés de Manacá de Cheiro.

Manacá de Cheiro não se deixou abalar e, duvidando da notícia, solicitou que Amor Perfeito providenciasse um lindo traje para ele usar no aniversário de Paineira. Amor Perfeito era uma artesã em tecelagem, trabalhava com os delicados e caríssimos fios de mamão de corda. Amor Perfeito, em seu próprio ateliê, confeccionou os trajes de gala solicitados por Manacá de Cheiro, que bailou por várias horas no aniversário de Paineira.

Era sabido em Esperança Verde que as flores tratadas com amarrados de sapé viviam no máximo uns dois anos, mas Manacá de Cheiro parecia não acreditar nisso e depois de ter bailado muito voltou para casa; chegando em casa, tratou de guardar bem guardado seu traje de gala.

O tempo passava, e Manacá de Cheiro dava sinais de cansaço e de dor, ficava longos períodos em silêncio e se alimentava apenas do chá de batata roxa, que Camélia cuidadosamente preparava; neste período, e nos dias em que a lua dorme, Manacá de Cheiro falava das flores que já haviam morrido, dizia sonhar com elas. Azaleia tinha medo de ouvir as histórias de Manacá de Cheiro.

Em um daqueles dias em que a Lua acorda cansada, Manacá de Cheiro lembrou-se de ter bailado no aniversário de Paineira e, alegre, disse que, para o grande dia, deveria usar o mesmo traje, mas que, para isso, seriam necessários dois ajustes, que ele gostaria que Amor Perfeito providenciasse.

Nas noites de Lua cheia, Manacá de Cheiro sempre estava mais tranquilo e aproveitava para ficar com sua família. Ele gostava de imitar os gafanhotos para que as flores pequenas pudessem sorrir; algumas delas tinham medo de Manacá de Cheiro por conta de suas flores arroxeadas, mas ele não se importava com isso.

O guerreiro Manacá dizia que se pudesse controlar o tempo, ele seria somente com a Lua cheia e, ao mesmo tempo, dizia estar cansado do tratamento com amarrados de sapé, afirmava precisar dele para ter tempo de proteger e ensinar seus descendentes, que ele não gostaria que sofressem como ele sofreu em sua vida.

Para Manacá de Cheiro, o seu dia de Cigarra se aproximava, e essa espera parecia estar sendo cronometrada por suas folhas que caíam e pelo seu caule que, já sem forças para buscar água em suas extremidades, secava, secava e secava; essa situação o deixava angustiado e de seu rosto rolavam lágrimas de dor. Nestes momentos, ele dizia sentir suas raízes se quebrando e temia que a qualquer momento elas se arrebatassem de vez, levando-o ao chão, para não mais levantar.

Amor Perfeito, Azaleia e Camélia eram suas primogênicas, e a elas Manacá de Cheiro fazia recomendações para o seu dia de Cigarra, com detalhes e preocupações de como esse dia

deveria ser. Ele atribuía tarefas a suas primogênitãs. Por conta das atribuições de tarefas, Amor Perfeito se entristeceu. Qual seria a tarefa que entristeceu Amor Perfeito? Mas ela se mantinha em silêncio e recusava retomar a conversa sobre o pedido de Manacá de Cheiro.

O saudoso Manacá, em seu silêncio, parecia estar unido ao canto das Cigarras que a cada dia ficava mais forte e, ao se aproximar os dias em que a Lua dorme, ele ficava tenso por Amor Perfeito continuar se recusando a atender o seu pedido. Em um desses dias de tensão, ele pediu ajuda para a equipe do Dr. Jequitibá Vermelho, que prontamente se dispôs a ajudá-lo.

Com a água do riacho que circulava em Esperança Verde, e que em outros tempos já havia matado a sede de Manacá de Cheiro, ele semanalmente foi sendo regado pela equipe de Dr. Jequitibá Vermelho; suas folhas continuavam a cair, mas ele dizia que sua dor estava diminuindo. Diante daquela melhora, Manacá de Cheiro passou a ser regado a cada três dias, e Dr. Jequitibá Vermelho solicitou que sua família também o regasse.

Gradativamente, a família foi aderindo ao pedido de Dr. Jequitibá Vermelho, mas Amor Perfeito não. Ela se recusava a buscar água e usava da água que os outros familiares buscavam. Manacá de Cheiro relatou ao Dr. Jequitibá Vermelho que, por conta de seu pedido, Amor Perfeito havia se distanciado e quase não se aproximava mais dele. Para ele, se Amor Perfeito não atendesse seu pedido, o seu dia de Cigarra não seria perfeito.

O pedido de Manacá de Cheiro a Amor Perfeito estava relacionado aos dois ajustes que ele gostaria que fossem feitos no traje de gala que havia sido usado no aniversário de Paineira. Ele dizia que gostaria de estar bem bonito em seu dia de Cigarra, mas, para isso, seriam necessários os ajustes; no entanto, Amor Perfeito continuava se recusando a atender Manacá de Cheiro.

Manacá de Cheiro permanecia em sofrimento por perceber que Amor Perfeito se recusava a cortar suas ramagens que, em seu entendimento, sobravam em seus pés e eram curtas para os seus braços. Com isso, mesmo ele estando pronto e caminhando para o seu dia de Cigarra, o dia não chegava.

Sem ser atendido por Amor Perfeito, ele temia que, no seu dia de Cigarra, houvesse julgamento sobre a sua conduta moral; em sua análise, as hortênsias idosas iriam dizer que ele não estaria vestido adequadamente para sua noite de Cigarra.

Por outro lado, Amor Perfeito relatou à equipe de Dr. Jequitibá Vermelho que jamais atenderia ao pedido de Manacá de Cheiro, pois, em sua compreensão, se ela o atendesse, o seu dia de Cigarra seria antecipado, e ela iria se sentir culpada por isso.

Por conta deste impasse, e diante do sofrimento e das manifestações físicas, orgânicas e emocionais de Manacá de Cheiro, a equipe de Dr. Jequitibá Vermelho resolveu intervir e chamou Amor Perfeito para conversar e resolver aquela situação.

Amor Perfeito relutou e fez duras críticas ao pedido de Dr. Jequitibá Vermelho, mas depois de ter chorado um pouco, disse que talvez atendesse ao pedido de Manacá de Cheiro. No entanto, afirmou não ser justo Dr. Jequitibá Vermelho exigir dela algo que ela não queria e nem poderia fazer, e finalizou dizendo que precisava pensar um pouco; com suas folhas cobrindo o rosto, saiu chorosa e foi embora.

Amor Perfeito, por ser uma artesã em costura, não teria dificuldades para atender ao pedido de Manacá de Cheiro, e assim o fez. Na primeira hora da manhã seguinte, lá estava Amor Perfeito para confirmar que havia atendido ao pedido de seu pai e, na terceira hora da mesma manhã, Manacá de Cheiro, com a certificação do atendimento de seu pedido, agradeceu e sorriu segurando a mão de sua filha.

Na terceira hora do segundo período do mesmo dia, por apresentar melhoras e suas folhas estarem leves e soltas, Manacá de Cheiro foi liberado pela equipe de Dr. Jequitibá Vermelho para retornar ao jardim e tomar da água do riacho. Neste momento, Manacá de Cheiro estava tão bem que não lembrou ou não quis falar sobre o canto das Cigarras.

Entre as duas primeiras horas do dia seguinte, depois de um constante corre-corre lá pelas bandas do riacho, ouviu-se um grande barulho. Era Manacá de Cheiro caindo para não mais levantar.

Uma semana após o dia de Cigarra de Manacá de Cheiro, como era de costume da equipe do Dr. Jequitibá Vermelho, Azaleia, Camélia e Amor Perfeito foram chamadas para finalizar o protocolo de atendimento e conversar sobre o luto; elas vieram, mas Amor Perfeito se limitou a permanecer com as folhas em seu rosto, enquanto suas irmãs relatavam o que aconteceu no dia de Cigarra de Manacá de Cheiro.

Ao concluir aquele momento e observando que as folhas permaneciam no rosto de Amor Perfeito, Dr. Jequitibá Vermelho perguntou a ela se queria dizer algo. Ela, apenas inclinando as folhas, disse: “Hoje estou com muita raiva do senhor, entendo o que o senhor me pediu, mas eu sabia que se atendesse o pedido dele, o seu dia de Cigarra chegaria, e o senhor é culpado disso”.

Após ter falado com Dr. Jequitibá Vermelho, Amor Perfeito dividiu ao meio as folhas que cobriam o seu rosto e novamente disse: “Quando passar essa raiva que me impossibilita olhar para o senhor, posso vir conversar novamente?”. Ao ouvir o sim do Dr. Jequitibá

Vermelho, levantou-se, disse até logo e, retornando as folhas para novamente cobrir seu rosto, saiu apressadamente.

Método

A narrativa como forma de pesquisa

A narrativa e a hermenêutica² propostas como base na compreensão deste trabalho estão em sintonia com a proposta de Gracia (2010), que entende que a vida humana e a ética têm caráter narrativo, elas também estão amparadas pela proposta de Ortega y Gasset sobre a razão vital, na qual ele chama a atenção para a perspectiva com que cada pessoa olha o mundo.

Ao propor que a “razão narrativa e necessariamente hermenêutica” são fontes de saber, por possibilitarem reflexão sobre nós mesmos, e também sobre a nossa própria vida, Ortega y Gasset indica o uso da hermenêutica como caminho para a análise dos conflitos individuais e coletivos apresentados no momento da finitude. Além de amparar e possibilitar uma evidência melhorada dos conflitos, ela respondeu aos apelos da bioética, sobre necessidade de assegurar a autonomia da pessoa humana, nesta condição de vulnerabilidade que a morte pode causar.

As narrativas estruturadas da vida e da morte como conclusão do ciclo vital possibilitaram recortes e reflexão em relação ao sofrimento que o advento da morte pode provocar na existência humana. Essas provocações e reflexão sobre a existência e o sofrimento humano exigiram o envolvimento das pessoas em relação à sua existência e, conseqüentemente, à existência do outro; este envolvimento, a partir de uma fonte de saber cultural e ético, nos conduz à bioética.

Desta forma, “Os contos ilustrados, os quadrinhos, as fábulas, os poemas, as canções, o folclore, os contos, os romances, os filmes, os relatos de viagem, são narrativas com influências diretas ou indiretas de nossa personalidade moral” (GRACIA, 2010, p. 216). Por isso, há a necessidade de se incluírem todos esses aspectos para a compreensão do Luto Antecipatório.

² A construção narrativa e a hermenêutica propostas como condição metodológica para a compreensão dos conflitos humanos, que surgem ou são desencadeados com o Luto Antecipatório apresentados no conto com vivências do luto neste artigo, utilizado neste estudo para facilitar a compreensão do processo de morrer e da morte, estão ancoradas nos estudos de Paul Ricoeur, que destaca a relevância da dialética da compreensão e da dialética na explicação da interpretação, além da necessidade de uma atitude metodológica e uma atitude ontológica para a interpretação hermenêutica.

O imaginário pode expressar sonhos, e, abordado com a perspectiva heurística, diante dos conflitos e do sofrimento na terminalidade, revela uma força de imaginação criadora que possibilita “reescrever” uma nova realidade aos fatos.

Nas narrativas, onde a hermenêutica se caracteriza como instrumento de análise, o imaginário torna-se um grande “palco” e passa a ser instrumento para a observação dos aspectos do inconsciente, normalmente presente nas construções imaginárias; nele, o consciente coletivo, em relação à morte, busca guarida. (RICOEUR, 1989).

Diante do saber cultural e ético presente nas narrativas, surge a necessidade da hermenêutica, termo que procede do grego *hermeneia*, que significa, entre outras coisas, interpretação. Portanto, para a compreensão do Luto Antecipatório à luz da bioética foi necessário o uso da hermenêutica contextualizada no conto sobre a morte de Manacá de Cheiro.

Sendo a hermenêutica a ciência e a arte da interpretação, a sua utilização no relato sobre o luto apresentado neste artigo teve e terá novas possibilidades para a interpretação do Luto Antecipatório como parte do ciclo vital. Esta condição não é exclusividade do autor, que, à luz de um preposto, neste caso a bioética, faz posicionamento, mas de cada leitor que, diante da análise e interpretação dos fatos apresentados, poderá ampliar para além da perspectiva do autor a compreensão sobre o Luto Antecipatório; esta possibilidade também é um pressuposto da hermenêutica (GRACIA, 2010).

Diante das evidências de que sobre a vida e a morte há inúmeras situações que continuam sem explicação ou destituídas de significados compreendidos na dimensão humana, considerando que estar para além da explicação, que também é um método de análise das ocorrências da vida, permanecerá enviesada neste artigo a afirmação de Gracia (2010, p. 225) de que “a vida é um fenômeno a um só tempo originário e complexo, princípio e termo de todo sentido”.

Com a constatação de que “sem explicação” pode ser um apêndice da ciência e analisando a referência de luto que serviu de base para este artigo, sem a pretensão de resposta, mas dos sentimentos e comportamentos nela evidenciados, em que o sentido é sentido dentro da vida, faz-se necessário recorrer à hermenêutica para possibilitar a interpretação de um ocorrido na vida ou parte dela, a morte.

Os esclarecimentos da bioética, com destaque para os princípios da autonomia e da vulnerabilidade que interpelam os questionamentos no processo de finitude, foram utilizados como base para uma integral condição de compreensão da pessoa humana e da sociedade, no desenvolvimento da morte e no processo de morrer.

A pesquisa propriamente dita

Neste artigo utilizou-se da construção e narrativa de um conto, apresentado acima, para ilustrar e discutir a proposta e o objetivo deste estudo. Nele, é possível evidenciar o sofrimento e os conflitos individuais e coletivos no processo de finitude.

Os fatos narrados através da literatura imaginária e apresentados na forma de conto oferecem uma dimensão interpretativa que possibilita uma compreensão diferenciada sobre o sofrimento, a dor e o processo de finitude.

Por essa razão, o entendimento sobre o Luto Antecipatório na história de Manacá de Cheiro, além de exigir uma compreensão sobre os conflitos e comportamentos apresentados, requer a utilização da hermenêutica, da atenção ao cuidado e da análise sobre a narrativa que a situação requer.

O relato em forma de conto que foi o eixo desta pesquisa apresenta uma situação de luto vivida por Manacá de Cheiro, que, na aceitação antecipada do luto, escolhe a vestimenta que usaria em seu velório.

Diante do conto apresentado e retomando os princípios da bioética que norteiam a compreensão e o diálogo sobre a dor, o sofrimento e a ética do cuidado inerente ao processo de finitude, e nele a aceitação da morte como conclusão do ciclo vital, à luz da bioética, ou para facilitar esta luz, os princípios da Autonomia e da Vulnerabilidade precederão os demais, neste estudo.

Resultados

Considerando a aceitação e o luto permeados ao desenvolvimento da vida, na qual as perdas, as alegrias e o sofrimento protagonizam, a não aceitação da morte como parte do ciclo da vida possibilita grandes turbulências no relacionamento humano. Nelas, permanece o sentimento de traição ou de abandono, portanto, o luto e sua aceitação diferem de acordo com o que cada pessoa protagoniza.

O processo de aceitação vivido por Manacá de Cheiro não aparenta grandes turbulências, pelo contrário, inclui sua concepção e preocupação sobre a avaliação das demais flores, que possivelmente estariam em seu velório. Dessa forma, quando ele define e solicita ajustes em suas vestimentas fúnebres, ele demonstra não só a aceitação do processo de luto, mas também a antecipação dele:

Ele dizia que gostaria de estar bem bonito em seu dia de Cigarra, mas, para isso, seriam necessários os ajustes [...].

Para Franke (2016), a ordenação do pensamento em uma perspectiva otimista é fundamental para o enfrentamento do luto, considerando que a autora não define a dimensão temporal para esses acontecimentos, mas afirma que sua duração está relacionada ou em consonância com as fases do luto. É possível que a enfermidade e condição de ancião tenham sido elementos da aceitação e da organização do Luto Antecipatório de Manacá de Cheiro.

Desta forma, podemos concluir que o Luto Antecipatório é uma importante ferramenta para harmonizar o processo terminal. Ele, ao harmonizar, possibilita qualidade de vida, e com qualidade de vida, as alegrias, mesmo na terminalidade, podem ser acessadas.

No contexto do Luto Antecipatório que faz parte desta pesquisa, estão presentes, com variações de causa e sintoma, a dor física e a emocional. Nele, o comportamento dos familiares se diferencia do comportamento do paciente.

Manacá de Cheiro, depois de prolongados momentos de silêncio, fez um pedido referente à sua morte a um de seus familiares; no entanto, por este familiar não estar na mesma sintonia de luto em que ele estava, vinculou o pedido de Manacá de Cheiro a uma condição de transcendências, e este comportamento, além de camuflar a dor, condicionava-o a se esquivar daquele pedido.

A forma como a família se comporta ou lida com a dor oriunda dos pedidos que são feitos durante o Luto Antecipatório indica o seu momento de luto; ele pode ser contrário ou não estar na mesma sintonia do momento de luto que o paciente está vivendo. Na história de Manacá de Cheiro, este comportamento não é diferente, pois ele, contrário ao momento de luto do seu familiar, demonstrava já ter concluído o processo de aceitação da morte, por isso vivia o Luto Antecipatório.

Considerando a dimensão de transcendência observada no comportamento familiar, ela, que ainda não tinha aceitado a perda e a morte anunciada para seu ente querido, acreditava e se comportou como se ele estivesse a fazer premonições.

Alguns comportamentos referenciados no Luto Antecipatório e observados nos momentos de luto, também apresentados nesta pesquisa, correspondem aos manifestos e preocupações em relação ao futuro que, com a percepção de que a iminência da morte o colocava em risco, o envolvido desejava, permanentemente, resolvê-las no tempo presente.

Portanto, diante das informações anteriores e alguns comportamentos evidenciados ou relacionados aos conflitos sociais, apresentados na história de Manacá de Cheiro, foram observados, após sua percepção, de que estava vivendo a iminência da morte, o que possibilita afirmar que em sua morte o Luto Antecipatório se fez presente.

O Luto Antecipatório de Manacá de Cheiro

O tempo passava, e Manacá de Cheiro dava sinais de cansaço e de dor, ficava longos períodos em silêncio e se alimentava apenas do chá de batata roxa [...].

Manacá de Cheiro, com a certificação de que sua morte se aproximava, passou a incluir em suas preocupações a necessidade de ajuste na roupa que ele gostaria de usar em seu próprio velório; com a perspectiva de resolver esta preocupação, ele envolveu uma de suas filhas, que era costureira - Amor Perfeito - para fazer os ajustes que ele julgava necessário.

De acordo com Lindermann (1944) em Fonseca (2004), o Luto Antecipatório pode estar relacionado aos familiares; entretanto, o pedido de Manacá de Cheiro despertou um conflito em Amor Perfeito. Para ela, atender ao pedido do pai significaria estar colaborando com a antecipação de sua morte, por isso recusou o pedido de seu pai. O comportamento de Amor Perfeito nos possibilita pensar na ausência de sintonia entre Manacá de Cheiro e Amor Perfeito em relação à aceitação da morte. Ele estava vivendo o Luto Antecipatório, e ela negava o luto e, conseqüentemente, a morte.

Considerando que a bioética oferece o princípio da autonomia e o referencial de vulnerabilidade como caminhos a serem considerados no processo de morrer, o Luto Antecipatório se constitui em caminho para compreensão e análise da aceitação da morte.

Desta forma, nos caminhos vinculados ao princípio da autonomia e ao referencial de vulnerabilidade, também permanece o Luto Antecipatório, que, mesmo causando desconforto familiar, como no caso de Manacá de Cheiro, não causou incomodo à equipe de saúde, que, atenta aos comportamentos observados, mediu a resolução. Quanto às preocupações de Amor Perfeito em relação ao pedido de seu pai a ela, podem ser compreendidas em diferentes compassos: Manacá de Cheiro já vivenciava a aceitação e nela os demais ajustes de seu luto, enquanto Amor Perfeito permanecia sem aceitar a morte.

O comportamento de Manacá de Cheiro e Amor Perfeito em relação à aceitação da morte evidencia que o sofrimento inerente a ela pode envolver outros personagens. Nesse caso, uma das possibilidades de intervenção é a observação e a sintonia, necessárias para a compreensão do Luto Antecipatório.

Já o comportamento de Amor Perfeito, filha de Manacá de Cheiro, evidencia a afirmação de Meneses (2004), segundo a qual seu sofrimento tornou-se perceptível ao compreender que o pedido seu pai, além de ser uma ação de despedida, concluiria seu ciclo de vida, portanto, o sentido de viver e da vida para ele havia acabado, mas não para Amor Perfeito.

Por isso o desconforto de Amor Perfeito em relação ao pedido de Manacá de Cheiro. Ela se sentia culpada com o atendimento de seu pedido. Para ela, atendê-lo significaria aceitar, concordar e facilitar sua morte, por isso sua resistência e sofrimento após a morte de Manacá de Cheiro.

Enquanto para Manacá de Cheiro aceitar o fim, preparando-se, inclusive socialmente, para ele, era dar sentido à sua vida; para Amor Perfeito, aceitar a aceitação de Manacá de Cheiro seria o mesmo que dar sentido ao que negava em relação à morte. Atender ao pedido do pai, para ela, seria o mesmo que concordar com ele, de que a sua vida não tinha mais sentido, por isso negava atendê-lo.

A bioética, em relação ao Luto Antecipatório observado na história de Manacá de Cheiro apresentada neste artigo, foi de extrema importância, pois com sua proposta foi possível dar condições de conforto e autonomia aos envolvidos, minimizando, assim, os impactos e as preocupações temporais em relação à morte.

Foi diante da atenção bioética que Manacá de Cheiro pôde falar e lembrar sua história, e, por essas lembranças, ele escolheu sua roupa fúnebre e em sua casa, convivendo com sua família, aguardou “ansiosamente” morrer.

Minimizado pela bioética o impacto que seu pedido e desejo causavam a sua filha, ele pôde ser cuidado por seus familiares que, mesmo com as dificuldades diante do que a doença lhe proporcionava, se mantiveram firmes para dele cuidar.

Com a bioética, Manacá de Cheiro resolveu o seu conflito, o qual provocava outro em Amor Perfeito, sua filha que, no primeiro momento, se recusou a atender seu pedido por acreditar que se atendesse sua solicitação, estaria facilitando e contribuindo para a antecipação de sua morte e, por esta compreensão, sentia-se culpada.

Pela bioética, foi possível, com a resolução do conflito de Manacá de Cheiro e Amor Perfeito, concluir o protocolo dos Cuidados Paliativos, que inclui, se necessário, o encaminhamento e o cuidado aos familiares em relação ao luto. Neste caso, Amor Perfeito teve como externar seu sofrimento por contribuir com a realização do último desejo de seu pai.

Se não fosse a bioética, muitos dos “Manacás” seriam apenas peças decorativas; outros, em nome do desenvolvimento, estariam sendo usados para testagem de medicação ou “procedimentos” inovadores, sendo “legítimas” e verdadeiras cobaias humanas, de uma ciência que promete não só a cura, ou o desenvolvimento, mas respostas ao mercado, e, às vezes, isso basta.

Discussão

Referenciada e simbolizada pela esperança, em meio à crise ética do século passado, que se agravou em meados dele, assolando e ameaçando a vida humana, surgiu a bioética. Em sua chegada, ela se manteve vinculada à medicina, pois, naquele momento, era nela que permanecia sua maior preocupação.

A vida não acontecia, ou estava ameaçada, somente nos espaços da medicina; por isso, logo a bioética assumiu outros “espaços” de desafios à vida na sociedade moderna, entre esses, o sofrimento relacionado à morte e ao morrer.

Para manter a defesa integral da vida como seu principal objetivo e prática, a bioética, para além de seus princípios, apresentou os referenciais que a norteiam, entre eles a vulnerabilidade, que a fez permanecer ao lado ou diante da pessoa humana em sofrimento.

O referencial de vulnerabilidade não se aplica somente às questões relacionadas à saúde, mas em todos os espaços de direito em que a pessoa humana está submetida. Com ele, a bioética se lançou aos espaços e às questões que interferem socialmente na vida, chegando na finitude ou nos processos que a ela levam.

Foi seu posicionamento em defesa da pessoa em situação ou condição de vulnerabilidade que a colocou diante da morte, pois o morrer e suas circunstâncias, na atualidade, podem impossibilitar ou restringir a liberdade humana de exercer sua autonomia, principalmente diante dos conflitos e sofrimento oriundos da finitude.

Também foi condicionante, e de significativa importância, a mediação da bioética entre os conflitos que surgiram durante o processo de morrer apresentados no conto sobre a morte de Manacá de Cheiro; sem as referências do diálogo proposto pela bioética, eles teriam sido somente elementos de provocação da dor e do sofrimento que, sem o diálogo bioético, seria apenas mais um componente de interferência nas condições orgânicas e emocionais do paciente terminal.

A família também foi outra instância de intervenção bioética. Ela esteve diretamente envolvida nas situações conflituosas provocadas pelo anúncio da morte de Manacá de Cheiro; sendo parte dos conflitos, a família não só esteve envolvida como também exigia explicações e respostas, talvez as mesmas que os demais envolvidos no processo queriam ter.

Por essa alegria de com a bioética caminhar, e diante do conto apresentado, é possível identificar e compreender que o luto faz parte e está presente na história de todas as pessoas; como equilíbrio, ele mantém a sintonia entre a vida, a morte e a sociedade. Nesta sintonia, permanece o processamento da perda, que o tempo e tão somente o tempo pode acondicionar.

Sendo assim, o luto e a aceitação da morte podem ser vividos antes e depois da perda consumada.

Conclusão

O viver sugere caminhos que as cortinas da morte anunciam obstruir, por isso há a necessidade humana de resolver as situações conflituosas e, assim, possibilitar harmonia nos caminhos que a finitude anuncia que estão por acabar; este anúncio desperta, no moribundo, a esperança de deixar o caminho livre e harmônico para aqueles que nele continuarão.

As interferências e resistências humanas permeiam a negação do luto e do sofrimento. São elas que também provocam dores físicas, emocionais e espirituais; sem compreendê-las junto às variáveis sociais e individuais dos conflitos que fazem parte dos processos de negação na finitude, é pouco provável que o Luto Antecipatório seja evidenciado.

Com o Luto Antecipatório prejudicado, a maioria dos conflitos existenciais da finitude pode permanecer sem manifestações externas, o que não significa que elas não existam; portanto, sem o cuidado bioético, a negação pode contribuir para um elevado sofrimento, em condições orgânicas e psicológicas que se manterão até a morte.

As preocupações que nesta pesquisa foram evidenciadas no Luto Antecipatório, à luz da bioética, indicaram o início do processo de aceitação da morte. Sem a intervenção da bioética, talvez Manacá de Cheiro tivesse permanecido em silêncio até evoluir a óbito.

À luz da bioética, os conflitos presentes na história de Manacá de Cheiro se constituíram pela dor e pelo sofrimento que o envolviam, juntamente com seus familiares e equipe de saúde; portanto, a difícil e dolorosa provação do morrer, objetivada pelo envolvimento de aspectos pessoais, sociais, culturais e espirituais, propostos no início desta pesquisa, foi consolidada no conto com vivências do luto.

Portanto, se no processo de morrer a aceitação for assegurada pelo princípio da autonomia e também pelo referencial de vulnerabilidade que a bioética propõe para este momento, mesmo com a dimensão do sofrimento e de dor, que a morte representa para a sociedade e para a pessoa humana, a aceitação também significa esperança.

Contudo, continua a preocupação da bioética, pois a esperança, se não observado o estado de vulnerabilidade do indivíduo na terminalidade, sucumbirá à razão do mercado, ou seja, mesmo com a atuação sistemática da bioética, ainda prevalece a mercantilização da vida.

Referências

ANJOS, Márcio F.; SIQUEIRA, José Eduardo (Org.). *Bioética no Brasil: tendências e perspectivas*. Aparecida, SP: Idéias & Letras; São Paulo: Sociedade Brasileira de Bioética, 2007. (Bio & Ética).

FONSECA, José Paulo. *Luto antecipatório: As experiências pessoais, familiares e sociais diante de uma morte anunciada*. Campinas, SP: Livro Pleno, 2004.

FRANKE, Petra. *Toda noite escura tem um final de luz: orientação e conforto em tempos de luto*. Tradução de Carla Koch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

GRACIA, Diego. *Pensar a Bioética: metas e desafios*. Tradução de Carlos Alberto Bárbaro. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2010.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LINDERMANN, E. The symptomatology and management of acute grief. *American Journal of Psychiatry*. APA, Arlington, Va., n. 101, p. 141-148, 1944.

MENESES, R. Aisengart. *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond: Fiocruz, 2004.

PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de (Org.). *Bioética na Ibero-América*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2007.

RANDO, T. A. *Clinical Dimensions of Anticipatory Mourning: Theory and Practice in Working with the Dying, their loved one's and their caregivers*. Champaign: Research Press, 2000.

RICOEUR, Paul. Explicar e Compreender. In: _____. *Do Texto à Ação*. Ensaios de Hermenêutica II. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989.

Obras consultadas

BECKER, Ernest. *A negação da morte*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. Revisão técnica de José Luiz Meurer. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Paulus, 2015.

GOLDIM, Jose Roberto. Bioética: Origens e complexidade. *HCPA*. Hospital de Clínicas de Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 86-92, 2006.

HOSSNE, William Saad. Dos referenciais da bioética – a vulnerabilidade. *Bioethikos*. Centro Universitário São Camilo, v. 3, n. 1, p. 41-51, 2009.

KUBLER-ROSSI, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. Tradução de Paulo Menezes. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PESSINI, Leocir; BERTACHINI, Luciana; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de (Org.). *Bioética, cuidado e humanização: sobre o cuidado respeitoso*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Edições Loyola: IBCC Centro de Estudos, 2014. V. II.

PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de (Org.). *Problemas atuais de bioética*. 8. ed. revista e ampliada. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2007.

RANDO. Luto em cuidados paliativos. In: FRANCO, M. H. P. *Cuidado paliativo*. São Paulo: CREMESP, 2008.

RICOEUR, Paul. Fenomenologia e Hermenêutica: no rastro de Husserl. In: _____. *Do Texto à Ação*. Ensaios de Hermenêutica II. Trad. de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989.

_____. Hermenêutica: as abordagens do símbolo. In: _____. *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977.